







Conteúdo a que a mensagem se refere:


-  Revista impressa
-  Reportagem on-line
-  Galeria de imagens
-  Vídeo
-  Rádio


CONTATOS


revistapesquisa.fapesp.br


redacao@fapesp.br

 PesquisaFapesp


 PesquisaFapesp

 pesquisa_fapesp

 Pesquisa Fapesp

 Pesquisa Fapesp

 cartas@fapesp.br

 R. Joaquim Antunes, 727
10º andar
CEP 05415-012
São Paulo, SP

Assinaturas, renovação e mudança de endereço

Envie um e-mail para assinaturaspesquisa@fapesp.br

ou ligue para

(11) 3087-4237,

de segunda a sexta,
das 9h às 19h

Para anunciar

Contate: Paula Iliadis

Por e-mail:

publicidade@fapesp.br

Por telefone:

(11) 3087-4212

Edições anteriores

Preço atual de capa
acrescido do custo de
postagem.

Peça pelo e-mail:

clair@fapesp.br

Licenciamento de conteúdo

Adquira os direitos de
reprodução de textos
e imagens

de *Pesquisa FAPESP*.

Por e-mail:


mpiliadis@fapesp.br

Por telefone:

(11) 3087-4212

CARTAS cartas@fapesp.br

Lagoa Santa


 Na reportagem “Os povos de Lagoa Santa” (edição 247), André Strauss argumentou que não existiu em Lagoa Santa um “povo de Luzia” propriamente dito. Tendo em vista que na Lapa do Santo existem supostamente três padrões de enterramento distintos, o pesquisador propõe que a região foi ocupada por várias levas de populações. Não poderíamos discordar mais. Se há algo que o registro arqueológico em Lagoa Santa demonstra é que entre 12,5 mil anos e 4 mil anos houve uma grande continuidade cultural. Essa continuidade se expressa por meio de vários elementos: a formação dos sítios é extremamente similar, com a deposição de grande quantidade de cinzas; a indústria lítica e óssea permanece a mesma, assim como o uso dos recursos da paisagem. Sem falar na absoluta continuidade biológica da população. O fato do padrão de enterramento ter mudado ao longo do tempo não necessariamente implica a intervenção de culturas distintas. Modos de enterrar os mortos estão entre os aspectos mais variáveis dentro de uma cultura. Portanto, se algo é claro no registro de Lagoa Santa é que houve, de fato, um “povo de Luzia”.

Walter Neves – Instituto de Biociências/USP

Astolfo Araujo – Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

São Paulo, SP

Redação científica


 Parabéns pela oportuna reportagem “A ciência em palavras” (seção Carreiras, edição 249). Entretanto, o texto não deixa claro que redação correta de textos contendo termos científicos não é o mesmo que redação científica. Já atendi a centenas de pesquisadores revisando ou traduzindo seus manuscritos. Em nossa rotina de serviços, manuscritos com redação científica pobre (mesmo tendo redação correta e conteúdo científico) chegam a receber uma ou mais sugestões por linha de texto para que a qualidade da redação científica no manuscrito final venha a ser comparável àquela dos artigos citados nas referências. Os autores reconhecem a pertinência das nossas sugestões, incluindo a maior parte (70-95%) delas em seus manuscritos. Portanto, redação científica é muito mais que correção ortográfica e gramatical. Diante dis-

so, entendo que os editores-chefes das revistas bilíngues deveriam aumentar a exigência no uso da redação científica pelos profissionais que prestam serviços aos escritórios editoriais. E os reitores deveriam incluir em seus *campi* um treinamento continuado em redação científica, seja em cursos ou escritórios de apoio.

Paulo Boschov,


São Paulo, SP

Caça ilegal

 Sobre a reportagem “Os efeitos danosos da caça ilegal” (edição 249), a imagem da pele de onça na página 47 nos dá a dimensão da destruição. Não só em quantidade, mas a qualidade do que foi dizimado só amplia esse quadro.


João Parma

50 anos da Unicamp

 Sinto orgulho dessa universidade (a respeito do artigo “Unicamp, 50 anos servindo o Brasil”, de Carlos Henrique de Brito Cruz, na edição especial *Unicamp 50 Anos*)! Parte do que sou devo a tudo que vivi, vi e aprendi nessa instituição modelo.

Marcela Aldrovani

Integralismo

 Muito importante para a pesquisa, quase não há material disponível (sobre a nota “Acervo sobre integralismo doado à Unicamp”, edição 248).

Siglia Zambrotti

Correção

O salmão não é o peixe mais cultivado do mundo nem a tilápia, o segundo, como publicado na reportagem “A vez da tilápia” (edição 249). Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), três espécies de carpa estão nos primeiros lugares, vindo a seguir, em quarto, a tilápia. O salmão está em sétimo lugar.

Sua opinião é bem-vinda. As mensagens poderão ser resumidas por motivo de espaço e clareza.